

Algumas notas sobre uma bioética de cunho asiático, a partir da China

Some notes on bioethics from an Asian point of view, regarding specially China

Leo Pessini*

RESUMO: O objetivo do presente artigo foi suscitar, ainda que introdutoriamente, algumas reflexões bioéticas a partir do mundo Asiático, especificamente da China continental, com sua cultura, história e tradições multimilenares, que nos chamaram atenção a partir de viagens culturais e participação em quatro Congressos Mundiais de Bioética e leituras a partir de questões socioculturais, políticas e transgressão a direitos humanos naquele país asiático que encerra em si mesmo um continente. Quando se fala da China hoje, pensamos na grandeza geográfica, cultura milenar, com sua fantástica muralha, que em tempos passados a protegia de invasões, país mais populoso do planeta, com mais de 1,3 bilhão de pessoas e passando hoje por um crescimento econômico espantoso, que em breve a colocará como a primeira economia mundial, segundo economistas ocidentais. Para contextualizarmos nossa reflexão e situar o leitor, nosso ponto de partida apresenta alguns aspectos socioculturais, políticos e históricos da China, incluindo Taiwan e o Tibete. Seguimos decodificando em que consiste a chamada “política do filho único” e a condição da mulher, bem como o massacre da Praça Tiananmen, em 1989. Impossível compreender os valores culturais e estilo de vida chineses sem saber algo das religiões chinesas – Confucionismo, Taoísmo e Budismo –, que, para nós ocidentais, soam mais como filosofias de vida do que religião propriamente. Finalmente, não perguntamos o que podemos aprender desse mundo tão diverso e diferente da nossa cultura ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. China. Religião. Ásia.

ABSTRACT: The objective of the present article was to cause, although only an introduction, some bioethical reflections from the Asian world, specifically continental China, with its culture, history and millenary traditions, which attracted attention from us due to cultural travels and participation in four World Congresses of Bioethics and readings about social-cultural questions, policies and transgression of human rights in that Asian country that is in itself a continent. When one talks about China today, we think about the geographical greatness, thousand-year-old culture, with its fantastic wall, which in the old times protected it from invasions, the most populous country of the planet, with more than 1,3 billion persons and suffering today an amazing economical growth, which soon will put in the position of the first world economy, according to Western economists. For contextualizing our reflection and to situate the reader, our starting point presents some social-cultural, political and historical aspects of China, including Taiwan and the Tibet. We keep on decoding in what there consists the so-called “politics of the only child” and the condition of women, as well as the massacre of Tiananmen Square, in 1989. It is impossible to understand Chinese cultural values and way of life without knowing something of the Chinese religions – Confucianism, Taoism and Buddhism – which, for us westerners, sound more like life philosophies than religion properly. Finally, we wonder about what can be learned from this world so diversified and so different from our Western culture.

KEYWORDS: Bioethics. China. Religion. Asia.

INTRODUÇÃO

O texto desta reflexão recolhe impressões e percepções de valores a partir de encontros, diálogos, leituras e viagem à China continental e Taiwan, em meados de maio de 2014, respondendo a um convite da Associação de Médicos Chineses para participar como conferencista em Xangai, num Simpósio Internacional sobre *Tratamentos fúteis e inúteis (Distanásia) e Cuidados Paliativos*. Aproveitamos a viagem e também visitamos as obras e trabalhos de nossos coirmãos Camilianos em Taiwan, que recentemente comemoraram 60 anos de presença naquela ilha, também chamada de “Formosa”,

onde demonstram uma expressiva e admirável presença na área da saúde. Eles mantêm um hospital geral de 700 leitos (*Saint Mary's Hospital*) em Lotung, um centro para acolhida de idosos com 150 lugares, um centro para deficientes mentais com 130 leitos, um centro juvenil com 580 crianças e uma jovem Universidade em franca expansão, com 3800 estudantes, em sua grande maioria de enfermagem, devendo, em breve, expandir-se para outras profissões da área da saúde.

Ao fazer tais anotações a respeito de um mundo tão diferente e diverso do nosso, lembro-me da leitura e estudo, há alguns anos, de um autor norte-americano de

DOI: 10.15343/1981-8254.20140802161173

* Pós-doutor pela Universidade de Edinboro – Instituto de Bioética James F. Drane, Pensilvânia, EUA. Doutor em Teologia/Bioética. Pós-graduado em Clinical Pastoral Education and Bioethics, St Luke's Medical Center. Docente do Programa Stricto sensu em bioética (Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado) do Centro Universitário São Camilo-SP, Brasil. E-mail: pessini@saocamilo-sp.br

O autor declara não haver conflitos de interesse.

sociologia religiosa, discorrendo sobre a tese de que o 1º Milênio da era cristã foi da civilização do *mediterrâneo*; o 2º Milênio, das civilizações do *Atlântico*; e o 3º Milênio seria dos povos habitantes da região do Oceano Pacífico (Ásia). Atualmente, não faltam evidências nesse sentido. Percebe-se uma frenética evolução econômica nas megacidades, com aeroportos enormes, amplos viadutos, túneis e vias públicas limpíssimas com milhões de carros, trens de alta velocidade, metrô, mas com os costumeiros congestionamentos e poluição atmosférica. Por todo lado vê-se construções com enormes guindastes e guias que dão vida a gigantescos complexos de edifícios. Adeus às bicicletas, agora substituídas por milhares de modernas motocicletas, principalmente em Taipei.

Enfim, sinteticamente, no texto serão apresentados alguns dados e informações de cunho sócio-histórico-político e econômico que nos ajudam a entender o protagonismo da China e Taiwan na Ásia.

Uma leitura bioética desse mundo Asiático é feita a partir da experiência de participação em quatro (4) Congressos Mundiais de Bioética, quando ainda fazíamos parte da comissão diretiva da *Associação Internacional de Bioética* (IAB), entidade que realiza esses congressos internacionais: IV Congresso Mundial, realizado em Tóquio (Japão), em 1998, que abordou o tema *Bioética Global: Norte-sul, Leste-Oeste*; VII Congresso Mundial, em Sidney (Austrália), em 2004, com o tema *Ouvir profundamente: estabelecendo pontes entre bioética local e global*; VIII Congresso Mundial, realizado em Pequim (China), em 2006, que abordou o tema *Em busca de uma sociedade justa e saudável*; e o X Congresso Mundial, realizado na cidade de Singapura, em 2010, que abordou o tema *Bioética num mundo globalizado*.

O roteiro se inicia com a apresentação de *alguns aspectos socioculturais e históricos da China*, sem esquecer os casos de Tibet e Taiwan (I); avança apresentando a *política demográfica chinesa do filho único (one-child policy)* e suas consequências, lembrando a grave questão de violação dos direitos humanos a partir do *massacre de 1989 na Praça da Paz Celestial* – que completa 25 anos em 2014 –, batalha na qual o governo chinês realizou uma verdadeira “lavagem cerebral”, fazendo com que poucos chineses saibam do fato (II). É simplesmente

impossível compreender os valores, cultura e subculturas asiáticas sem conhecer, ainda que de maneira introdutória, o Confucionismo, o Taoísmo e o Budismo. Para alguns estudiosos das ciências das religiões, estaríamos mais diante de “filosofias de vida” que nos ensinam a nos comportar virtuosamente e cultivar harmonia e paz interior, do que propriamente de “religiões”, pois não falam de Deus. O que aconteceu com o Cristianismo na China (III), nos perguntamos, e sublinhamos algumas características do Budismo e semelhanças entre Jesus e Buda (IV). Aprofundando a reflexão, podemos nos questionar a respeito do que podemos aprender com os valores da cultura chinesa (V). Por fim, são elencadas algumas características de uma bioética asiática confuciana (VI), no confronto com a cultura ocidental europeia e americana, identificando alguns fundamentos de uma possível bioética asiática (VII).

Alguns aspectos socioculturais e históricos da China (I)

A Ásia cobre uma imensa massa de água (pacífico) e terra, contendo cinco das nações mais populosas do planeta e possui hoje 60% da população mundial. A China tem hoje 1.354 bilhão (2012) e a Índia 1.258 bilhão de habitantes (2012). Ela ocupa a posição n. 101 no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), sendo que o Brasil ocupa o posto n. 85. Todas as maiores religiões mundiais são originárias da Ásia: Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Nessa região do planeta, os cristãos são minoria, não passando de 3% a 5% da população, enquanto que as crenças populares chinesas correspondem a 32,1%; budismo, 13,5%; 32,2% corresponde às filosofias de vida, como confucionismo e taoísmo; ateísmo, 7,3%; 8,6%, crenças tradicionais; e outras, 2%. Estamos diante de um perfeito mosaico multirreligioso marcado pela diversidade de crenças. Esse continente também tem disseminada a prática da medicina tradicional chinesa, especialmente na China e em países com maioria da população chinesa, e no subcontinente Indiano, a medicina Ayurvédica. Ao mesmo tempo, a globalização econômica e a rápida disseminação dos meios de comunicação social trouxeram dramáticas mudanças às culturas tradicionais,

e colocaram vários países asiáticos na liderança do crescimento econômico mundial. Os “tigres asiáticos” mais a China continental, juntos, são hoje a segunda economia do mundo, superando o Japão e devendo, em breve, segundo economistas ocidentais, ser a primeira, ultrapassando os EUA. Até 2020, a China, que hoje já é líder mundial na produção de nanotecnologia e está em 3º lugar na produção de biotecnologia, terá um PIB igual ao dos EUA, assim como as maiores reservas financeiras do mundo. Deverá, também, ser a maior compradora de automóveis e a principal produtora de *reserve innovation*. Possuirá os maiores bancos do mundo e 15 megalópoles com mais de 25 milhões de habitantes. O número de ricos hoje na China equivale a toda a população da Alemanha e, em poucos anos, deve dobrar. O ingresso da China na economia global representa, segundo Larry Summers, Reitor da Universidade de Harvard (USA), “o terceiro acontecimento mais importante na história da humanidade, depois do Renascimento Italiano e da Revolução Industrial inglesa do século XIX”.

Não obstante, mesmo com o extraordinário progresso da economia nos últimos anos, o país convive com desigualdades sociais alarmantes. Os 10% dos domicílios mais ricos detêm 57% da renda e 85% de toda a riqueza do país, com 400 milhões de chineses vivendo abaixo da linha de pobreza, ou seja, com renda inferior a dois dólares por dia. Uma questão problemática na China são os direitos humanos. Embora o governo não confirme, a Organização Anistia Internacional afirma que a China é, atualmente, o país que mais executa pessoas no mundo, em torno de 2 a 2.5 mil execuções anuais.

Em termos de energia, desde 2009 a China é o país que mais consome energia no mundo, suplantando os EUA do posto que ocupou por mais de um século, segundo a Agência Internacional de energia. Cerca de 70% de seu consumo energético vem do carvão, fonte altamente poluidora, e 20% do petróleo, do qual um terço é importado da África. O governo prioriza a energia eólica e solar, mas também planeja construir usinas nucleares e ampliar a produção de hidrelétricas (6,4% da matriz). A usina de Três Gargantas, no rio Yang-Tsé, inaugurada em 2006, é hoje a maior hidrelétrica do mundo, superando a de Itaipu, no Brasil.

A China é, por assim dizer, um verdadeiro continente em si mesma. Assusta pela sua grandeza e atrai pelo seu sincretismo, como nação mais populosa do planeta e a terceira maior em extensão territorial. Um país multiétnico, cuja população é constituída por chineses han (91,5%), manchus, mongóis, tibetanos, aborígenes, uigures e muçulmanos, entre outros. Na esfera política, o país é dividido em vinte e duas províncias, cinco regiões autônomas (incluindo o Tibete), duas regiões administrativas especiais (Hong Kong e Macau) e quatro municipalidades. Tem como idioma oficial o mandarim, e também alguns dialetos regionais, entre os principais: min, vu e cantonês. A Grande muralha, nas vizinhanças de Pequim (60 km), foi construída há 2200 anos, com seus 5 mil quilômetros de extensão. É obra do primeiro imperador da China, desde sua unificação. Hoje, ela não protege de invasões, e muito menos isola ou separa; tornou-se um símbolo da identidade histórica e orgulho chinês, cartão postal de visita obrigatório a todos que visitam o país.

O Tibete é uma região de tradição budista. A prática religiosa define a identidade do povo tibetano, para o qual Dalai Lama é a autoridade suprema. Para a China, o Tibete é parte da nação desde o século XIII. Em 1720, os dirigentes tibetanos pediram ajuda chinesa contra a presença dos mongóis, e com isso os governantes chineses passaram a controlar a região. No século XX, o Tibete tentou ser reconhecido como país independente, mas a China ocupou o território em 1950. O domínio chinês sempre foi rejeitado pelos tibetanos. Em 1959, a repressão chinesa a uma rebelião de monges budistas forçou 100 mil tibetanos ao exílio. O líder espiritual, o 14º Dalai-lama, Tenzin Gyatso, refugiou-se em Dharmasala, no norte da Índia, onde instalou a sede do governo no exílio. Em 1989, o Dalai Lama recebeu o Prêmio Nobel da Paz^{1,2}.

A ilha de Formosa, hoje chamada de *Taiwan*, é uma grande ilha com dezenas de outras menores, a 160 km da China continental. Tornou-se o refúgio dos governantes chineses depois da tomada do poder, em 1949, pelos comunistas Mao Tsé-Tung e Chiang Kai-shek. Os remanescentes de seu governo fugiram para Taiwan, formando um Estado à parte, que se intitulava a verdadeira

República da China. Interessante registrar que as esposas de Mao Tsé-Tung e de Chiang Kai-shek eram irmãs. Com a derrota na guerra Sino-japonesa, em 1895, a China é obrigada a entregar Taiwan ao Japão. No final da II Guerra Mundial, a ilha voltou à soberania da China. O arquipélago recebeu milhares de chineses continentais, incluindo parte da elite econômica e intelectual (estima-se que cerca de dois milhões de chineses). Após décadas de rusgas militares e políticas e “bloqueios” entre os dois países, aos poucos se retomam as relações comerciais e voos regulares. Hoje, Taiwan tem uma população de 23,2 milhões (2012), sendo 84% de chineses Taiwaneses, 14% de chineses continentais e 2% de grupos étnicos autóctones. No que diz respeito à religião, observa-se o seguinte panorama: crenças populares chinesas, 43,1%; budismo, 26,5%; taoísmo, 12,6%; cristianismo, 6%; novas religiões, 6,7%; agnosticismo e ateísmo, 4,4%; outras, 0,7% (2010)^{1,2}.

A medicina ocidental também é muito desenvolvida na Ásia, e muitos países se transformaram hoje em “centros de turismo da saúde”, com qualidade, custos menores de práticas médicas e cirúrgicas, comparando-se aos EUA e Europa, atraindo pacientes de todo o mundo. É o que ocorre hoje na Índia, por exemplo, com centros de saúde certificados pela *Joint Commission* norte-americana, empresa que assegura qualidade e excelência de serviços de saúde nos EUA e mundo afora. É no bojo dessa realidade que surgem muitas denúncias da existência do hediondo tráfico internacional de órgãos.

Devido ao tamanho, a diversidade cultural, social, política e religiosa, em frenética evolução da Ásia, torna-se arriscado falar de uma “bioética asiática”, embora alguns pensadores o façam. Usualmente, desenha-se um contraste com a “bioética ocidental”, com sua ênfase na autonomia e direitos individuais e justiça garantidos por meio de contrato e negociação. A bioética asiática, por outro lado, baseia-se na harmonia social, refletida numa visão de sociedade bem ordenada, em que há o predomínio dos deveres sobre os direitos individuais e as preferências individuais, subordinando-se ao bem-estar da família e sociedade como um todo. Esses elementos juntos podem se sumarizados no *comunitarismo familiar*. Assim como no ocidente criticamos a ênfase exagerada na

autonomia e individualismo que obstaculizam a construção de um projeto comunitário (sociedade do “eu” sem o “nós”), pensadores orientais também criticam a ênfase perigosa na ordem social que alimenta facilmente o paternalismo e patriarcalismo no aconchego familiar e no contexto da saúde, bem como a supressão do ato de “dissentir ou protestar” na sociedade civil (sociedade do “nós” sem o “eu”). Uma abordagem e visão antropológica cultural mais aprofundada (Inculturação) poderia nos mostrar que alguns dos valores tradicionais das sociedades asiáticas podem assegurar uma visão mais equilibrada do lugar do indivíduo na sociedade. Esse exercício pode ser benéfico tanto para a cultura Ocidental, como para a Oriental.

Ninguém duvida que nossas crenças morais e decisões éticas são influenciadas pelo nosso contexto cultural, que inclui as crenças e práticas de uma determinada tradição religiosa; no nosso caso ocidental, em geral, trata-se do cristianismo. Muitas práticas culturais presentes em alguns países asiáticos são difíceis de serem aceitas em outras culturas. Por exemplo, a mutilação genital de meninas, prática apoiada pelas mães em algumas culturas por temerem que suas filhas não se casem se não passarem por esse ritual. As condições sociais que incentivam tais danos são também muito difíceis de superar. Por exemplo, em países em que a violação de jovens é muito comum, existem mães que queimam a face e os seios de suas filhas, na esperança de que elas se tornem menos atrativas para os que procuram violentá-las. Claro que isso causa repulsa e estamos diante de um relativismo moral inaceitável. Outro exemplo disso é a discriminação racial. Novamente essa questão não nos parece ser relativa moralmente. Reconhecer os direitos civis e políticos de todas as pessoas, independentemente da cor de sua pele, deve ser, seguramente, um valor moral universal.

A política do filho único e o massacre de 1989 na Praça da Paz Celestial (II)

Na China, se o nascituro for mulher, tem grande chance de ser abortado ou desprezado, devido a valores culturais e política de governo que valorizam basicamente o “nascituro masculino”. Embora exista um rígido

controle de natalidade com a “política do filho único”, está havendo certa flexibilização, com a possibilidade de um segundo filho, se o primeiro for mulher. Aborto coercitivo em caso de meninas e rígido controle de natalidade são duas questões assumidas como política de Estado e ninguém ousa “dissentir”. Em relação a isso, é impressionante a leitura do livro de Nie Jing-Bao “Atrás do silêncio: vozes chinesas sobre o aborto” (2005). Hoje, uma geração inteira de chineses não tem irmãos, são filhos únicos^a.

Essa praça foi palco da revolta estudantil de 4 de junho de 1989, em que teriam sido massacrados de 2 a 7 mil jovens segundo vozes não oficiais. Pelas contas oficiais, houve 241 mortos apenas. A imagem do jovem estudante em frente à fila de tanques de guerra, “toureando” o comboio de blindados de guerra, “correu o mundo” e fez história. Ninguém sabe o que aconteceu com esse jovem até hoje. Essa imagem virou símbolo da repressão chinesa. Tudo começou com a morte do líder reformista Hu Yaobang, 73 anos, ex-secretário-geral do Partido Comunista, que havia sido afastado do cargo porque defendia reformas políticas. Chineses reuniram-se na Praça Tiananmen, em Pequim. O luto por Hu converteu-se em protesto por democracia e reuniu milhares na praça. Manifestações se espalharam por universidades e outras cidades do país. Em 4 de maio, dezenas de milhares de estudantes em cinco cidades fizeram o maior protesto político desde 1949, quando o Partido Comunista, com Mao Tsé-Tung, assumiu o poder. Em 29-30 de maio, os estudantes ergueram estátua à deusa da Democracia na praça. Em 3-4 de junho, forças do governo usaram força bélica contra os manifestantes na praça. O assunto continua, 25 anos depois, sendo um tabu na China. Na internet, qualquer menção à data 4 de junho é rapidamente apagada pela censura. O aniversário é lembrado em todo o mundo, mas não na China. Segundo Marcelo Ninio, Repórter do Jornal Folha de São Paulo, em visita recente à China, em sua reportagem “Maioria de estudantes chineses vive alheia ao massacre de 1989”, afirma: “Na memória coletiva do país, os protestos estudantis de 1989 estão enterrados sob anos de censura

e pelo triunfo da narrativa oficial de que enriquecer, afinal, é o que importa”³. A brasileira Raquel Martins, filha do jornalista Jaime Martins, que vive em Pequim desde seu primeiro ano de vida e que testemunhou o massacre da praça da Paz Celestial, em 1989, afirma que “o governo chinês conseguiu fazer lavagem cerebral no país. (...) No início, pensamos que era jato d’água. Mas eram os tanques chegando. Um rapaz tentou atravessar a rua e o tanque passou por cima, na nossa frente. Pediam para tirarmos fotos. ‘Estrangeiros, mostrem ao mundo o que o nosso governo está fazendo’. (...) Continuo achando que poucos chineses sabem do massacre”, conclui Raquel⁴.

No Ocidente, temos na declaração dos Direitos Humanos da ONU (1948) um “exemplo de progresso moral”, como sendo a carta magna da defesa da dignidade intrínseca de todo e qualquer humano. No entanto, muitos escritores e políticos asiáticos veem esse movimento ocidental dos direitos humanos como “uma forma de imperialismo cultural”, uma imposição de um conjunto de valores liberais da sociedade Ocidental para o mundo Oriental, que, culturalmente, há milênios operam de uma maneira mais hierárquica (por exemplo, dinastias, castas, etc.) e autoritárias (governantes com direitos divinos) baseadas em tradições multimilenares.

Com o objetivo de combater a pobreza e a superpopulação, o governo comunista chinês impôs a política do filho único (*One-Child Policy*) para seus cidadãos, a partir de 1979, mas esse programa tem criado inúmeros problemas sociais que somente agora começam a aparecer: poucos jovens e mulheres; sobram homens e faltam mulheres; e há um aumento da população de idosos. Demógrafos chineses que vivem no Ocidente (EUA) preveem que a política do filho único será considerada outro erro fatal de política social do governo chinês, juntamente com outros erros trágicos da recente histórica chinesa, assim como a fome devastadora dos anos 1959-1961 e a turbulenta revolução cultural da década de 1966-1976, nos tempos de Mao Tsé-Tung. Enquanto esses dois graves erros custaram a vida de centenas de milhares de pessoas – estima-se em torno de 80 a 100 milhões de

a. Da primeira vez que estivemos na China, em Pequim, há oito anos, em 2006, por ocasião da realização do VIII Congresso Mundial de Bioética, sinceramente admirei a postura da bela jovem guia turística chinesa que nos acompanhava, na monumental Praça Tiananmen, em mandarim, dizendo “faço parte de uma geração de chineses que se sentem sós”!

mortos –, tragédia ocorrida num período de tempo relativamente curto e que o governo procurou corrigir rapidamente, a política do filho único, em contraste, vai superá-los em impacto, com consequências sinistras para o futuro da China, afirmam os demógrafos chineses que vivem nos EUA.

A política do filho único, junto com as reformas de mercado, lançadas praticamente ao mesmo tempo, são vistas pelo Governo Chinês como responsáveis e catalizadoras da transformação econômica pela qual passa a China. A renda *per capita* na China era menos de US\$ 200,00 em 1989 e, em 2012, chegou a US\$ 6000,00. A China tirou milhões de pessoas da pobreza desde que a política do filho único foi implantada, alardeiam vozes oficiais do governo chinês. Hoje a mulher chinesa, em média, tem 1,5 criança, segundo estimativas independentes, comparada com 6 filhos no final da década de 60. Sabemos que para um país manter o equilíbrio de sua população, é necessário que a taxa de fertilidade seja de pelo menos 2.1 filhos por mulher. Nesse ritmo, a China atingirá, em breve, uma população de 1.4 bilhão e, em seguida, começará a passar por um longo e perigoso declínio.

Profissionais da estatística do governo comunista chinês afirmam que a política do filho único evitou o nascimento de 400 milhões de chineses. Os efeitos negativos dessa política não são sequer mencionados aos cientistas sociais que visitam a China para estudar o fenômeno da população. Demógrafos, até mesmo aqueles que trabalham para o Partido Comunista Chinês, sabem que, em qualquer país que se torna mais rico e com melhor educação para a população, as mulheres naturalmente têm menos filhos. No Japão e Itália, por exemplo, as taxas de fertilidade diminuíram sem que o governo obrigasse a abortos forçados.

Desde a implantação da política do filho único, ocorreram, pelo menos, 335 milhões de abortos provocados oficialmente, 200 milhões de mulheres esterilizadas e a utilização de frequentes *check ups* médicos para desencorajar gravidezes entre as mulheres que já preencheram suas cotas. Nas cidades, as famílias geralmente têm uma só criança, enquanto que os que residem no campo, cujo primeiro filho tenha sido uma menina, ou então uma

criança com problemas mentais ou físicos, têm autorização legal para conceber um segundo filho. Casais em que ambos são filhos únicos podem também ter dois filhos, enquanto que as minorias étnicas são encorajadas a ter múltiplas crianças.

Os valores tradicionais da cultura chinesa apreciam mais os meninos que as meninas, porque são os homens que levam adiante a linhagem familiar. Por meio de ultrassons já populares, mas ilegais, e abortos seletivos com base no sexo do nascituro, mais os casos de infanticídio feminino e de abandono de bebês, está ocorrendo um profundo desequilíbrio na porcentagem de gênero. Em algumas áreas rurais, nascem 135 meninos para cada 100 meninas. Como esses meninos no futuro encontrarão uma esposa, se não existem mulheres suficientes? Esses chineses que não encontrarão uma companheira para continuar suas famílias são denominados “ramos inférteis”. Estima-se que, em 2050, um em cada quatro chineses será idoso com mais de 60 anos e, em 2020, aproximadamente 30 milhões de homens, em idade de casamento, correm o risco de não encontrar uma companheira.

As mulheres da zona rural são ainda hoje obrigadas a se submeter à *check ups* quatro vezes ao ano para se assegurar de que elas não estão grávidas. Em havendo gravidezes ilegais, elas são obrigadas a abortar e são punidas com perda de emprego em instituições governamentais, com pagamento de pesadas multas, além de serem estigmatizadas. Na área urbana, nas fábricas, existe um rigoroso controle oficial do ciclo menstrual das mulheres. Hoje, mais de meio milhão de chineses trabalham nessa política, nas suas estruturas de funcionamento chamadas de “clínicas governamentais de planejamento familiar”, e eles não desejam perder seus postos de trabalho. O montante de multas desde que a política do filho único foi implantada está em torno de 330 bilhões de dólares, e esse dinheiro acaba ficando nas mãos das autoridades locais sem necessidade de prestação de contas. O curioso é que essa política do filho único criou uma estrutura policialesca gigante para “vigiar o útero feminino” das mulheres chinesas, tornando-se praticamente autossuficiente e difícil a desmobilização, sem que se provoque outra crise⁵⁻⁷.

As “religiões chinesas” (filosofias de vida virtuosa?) e o cristianismo (III)⁸⁻¹⁰

O confucionismo é uma filosofia poderosa e com enorme influência social em muitas partes da Ásia. É uma filosofia antiga, originária da China, há 2500 anos, e muito ativa e estudada na contemporaneidade. Confúcio (551-479 a.C.) é e continua a ser um iluminado mestre da sabedoria, entre muitos sábios. É possível conhecer o perfil espiritual de Confúcio a partir dos *Analectos* (*lun yu*: “palavras escolhidas”), escritos por seus discípulos. Um dos seus aspectos característicos é que não é uma “teoria moral”, com o objetivo de resolver dilemas éticos, nem é descrita como uma religião. A sua preocupação refere-se à prática da virtude da benevolência, e se trata de uma orientação ética que abarca e guia todas as outras virtudes. Fan, um estudioso e proponente de uma “bioética Confuciana”, diz que: “A moralidade do confucionismo está inserida numa forma de vida direcionada para a virtude e sustentada por rituais ou ritos. O foco não é resolver primariamente casos controversos, mas em compreender o que é viver como um ser humano virtuoso”¹¹. A humanidade, para Confúcio, deve ser entendida como reciprocidade, como atenção mútua, tal como é a explicação na Regra Áurea: “O que não desejas para ti mesmo, não o faças também a outros”. Jesus, cinco séculos mais tarde, vai falar o mesmo. Segundo Domenico de Masi, notável pensador e sociólogo italiano, é impossível compreender a China sem compreender o confucionismo.

Este não se trata de uma religião propriamente dita, mas de uma visão filosófica, ética, política e ritualística, um modelo de vida baseado na antiga sabedoria chinesa e nos ensinamentos de Confúcio, que jamais tratou de questões sobrenaturais, limitando intencionalmente suas reflexões à experiência humana (p. 61)¹².

Na dinastia Tang, fundada em 618, o confucionismo foi considerado a “dimensão exterior”, isto é, a dimensão social e política da vida humana, enquanto o taoísmo e o budismo representavam a “dimensão interior”.

O confronto com o Ocidente induziu muitos intelectuais chineses a considerar o confucionismo como culpado do atraso tecnológico, social e político da China.

“Demolir a oficina de Confúcio” tornou-se o slogan do Movimento Quatro de Maio, de 1919. Com a chegada de Mao Tsé-Tung ao poder, o conflito se agudizou, porque, apesar de não ter eliminado os textos sagrados, os considerou a causa do atraso chinês e o “veneno deixado pelo feudalismo”. Durante a chamada Revolução Cultural (1966-1976), professar o confucionismo significava arriscar-se a morrer. Por isso, muitos intelectuais refugiaram-se no exterior, retomaram os valores clássicos Confucianos, sustentaram que este não era inconciliável com o progresso tecnológico, com a democracia e com a liberdade e condenaram a adequação da China à rápida expansão da cultura ocidental, que negligencia a ética.

Na China, a grande maioria dos ritos e rituais são familiares, como, por exemplo, os ritos funerais. Para os mais próximos da família, a cor do luto é o branco. O retrato do falecido é colocado sobre o altar da casa ao lado dos deuses domésticos. Dessa forma, o falecido assume seu lugar como ancestral da família. Existem ritos para as relações com os outros, por exemplo, rituais de acolhida, mas o importante é que espírito e forma são necessários para o cultivo de uma personalidade humana e o ordenamento das relações humanas em direção a uma vida florescente e significativa. Essa filosofia antiga provê *insights* e recursos interiores para as pessoas e famílias no enfrentamento de problemas existenciais e doenças, apelando para a sabedoria do passado e para a força dos rituais.

A veneração aos ancestrais está no centro da religiosidade chinesa. Para os chineses, nem tudo se acaba com a morte. A morte é a passagem para uma vida diferente, e as relações entre os vivos e os mortos continuam a existir. O conceito de família também se estende, em essência, aos antepassados e ao tempo anterior. “A veneração aos mortos está no centro da piedade chinesa desde tempos remotíssimos. Não poder mais se comunicar com os mortos, para muitos chineses, essa foi e continua a ser a razão mais importante para não se converterem ao cristianismo” (p. 98)¹³, afirma o teólogo católico Hans Küng.

Temos, ainda, na China, o *Taoísmo* (lendário sábio Lao-Tsé: “Velho mestre”, supostamente do século IV a.C.), uma religião da imortalidade. Sua grande promessa:

ao morrer, o taoísta vai para um dos paraísos, ou para as ilhas da bem-aventurança fora da China. A “Igreja taoísta” é a principal herdeira da antiga religião popular chinesa, que, hoje, festeja seu renascimento na população campesina chinesa (75% dos 1,3 bilhão), que não se deixou abater pelos 50 anos de perseguição comunista à religião. Para o povo, existe água benta e incenso, festas pomposas com base no ritmo anual, a festa do Ano Novo chinês, com dança dos leões ou dos dragões, para expulsão dos demônios. Além do Taoísmo, temos, na China, o budismo, única religião que veio de fora. Dessa forma, Taoísmo, Confucionismo e Taoísmo representam o tríplice rosto da religião chinesa.

A tão proclamação “revolução cultural” liderada Mao Tsé-Tung (1949-1976), que, com a revolução comunista, aboliu o mandato celeste dos mandatários e passou a ocupar o lugar do “Do Filho do Céu”, provocou a morte de aproximadamente oitenta milhões de chineses, segundo historiadores. A chamada *grande revolução cultural proletária* (1966-1976), empreendida pela mulher de Mao, foi contra os “quatro velhos”: velhos usos, velhos costumes, velhas ideias, velha cultura e, naturalmente, também contra toda religião e contra tudo que é ocidental. Com Mao Tsé-Tung implantou-se um culto idolátrico à sua personalidade, que é alimentado até hoje. No centro da Praça da Paz Celestial, hoje se localiza o enorme e pomposo mausoléu a ele dedicado, onde se encontra seu corpo embalsamado, recoberto com a bandeira vermelha com os símbolos comunistas da foice e martelo. Diariamente, centenas de milhares de chineses em filas quilométricas caminham várias horas, até chegar na “sala do respeito eterno”, para prestar uma homenagem ao fundador da China moderna, depositando uma flor. Na entrada da “cidade proibida”, existe uma grande foto colorida de Mao Tsé-Tung. Nesse local se encontram inúmeros palácios da China antiga, do tempo das dinastias dos Imperadores. Aí se encontram vários museus históricos da vida do povo chinês, mas parte significativa do cervo artístico e histórico da história da China foi levado para Taiwan, em 1949, com Chiang Kai-shek, que fugiu para lá com todos os seus familiares, correligionários de partido e simpatizantes com a subida dos comunistas ao poder com Mao Tsé-Tung. Estima-se que dois milhões

de chineses, temendo perseguição, deixaram o continente nessa época e foram para Taiwan.

Para os cristãos católicos, é bom lembrar-se da presença na China do missionário Jesuíta italiano, Matteo Ricci (acompanhado de Michele Ruggieri), a partir de 1583. Ele dominava a língua chinesa falada e escrita habilmente e se manifestava mais como filósofo, moralista, matemático e astrônomo do que como missionário cristão. Ricci gozava de um grande prestígio na corte do Imperador Chinês. Infelizmente, o destino dos jesuítas na China acabou quando, em 1707, o papa Clemente XI proíbe aos cristãos chineses os seus ritos, assim como a veneração dos ancestrais e de Confúcio e o uso dos dois nomes tradicionais de Deus: Senhor nas Alturas e Senhor do Céu. Quem quiser permanecer ou se tornar cristão terá que deixar de ser chinês. É toda a problemática da inculturação e missão. Em 1717, ocorre a reação chinesa com a expulsão dos missionários, destruição das igrejas e abjuração forçada da fé Cristã. A obra da vida de Ricci e dos jesuítas é “reduzida a pó”. Hoje, existe a Igreja patriótica oficial e a “subterrânea”, clandestina, com um Estado mais tolerante em relação à existência e convivência com diferentes cultos religiosos¹³.

A chamada ocidentalização da China difunde um novo materialismo e um consumismo disposto a abdicar de todos os valores, causando a perda da chamada “pátria social e espiritual” do povo. Apesar do crescente bem-estar para uma pequena camada de ricos, ainda milhões estão diante da ameaça de uma nova pobreza, do desemprego, de uma iminente fuga maciça para as grandes cidades, ao mesmo tempo em que aumenta o sentimento de falta de sentido, da permissividade moral, criminalidade, corrupção, consumo de drogas e crise da tão valorizada culturalmente “família”. Contrariamente a todas as profecias “científicas” de uma “morte” da religião, manifesta-se, contudo, no novo contexto secular, aquela força de sobrevivência das grandes religiões. Mesmo os marxistas chineses reconhecem hoje que as religiões não são simplesmente um “ópio para o povo”, mas fenômenos complexos e resistentes, com profundas raízes étnicas. Constituem um elemento fundamental da multimilênar cultura chinesa, que não pode ser compreendida sem a presença do confucionismo, do taoísmo e do budismo.

O *sábio* é o tipo característico das religiões sapienciais no extremo Oriente. Muito diferente dele é o *místico*, tipo característico das religiões indianas: hinduísmo e budismo. Mais diferente ainda é o chamado *profeta*, tipo característico das chamadas três religiões oriundas do Oriente Próximo: judaísmo, cristianismo e islamismo. As religiões chinesas possuem um caráter sapiencial, pois o valor atribuído à velhice e à sabedoria representa uma constante na cultura chinesa.

Algumas notas sobre o budismo e semelhanças entre Jesus e Buda (IV)

As Quatro Nobres Verdades existenciais do budismo constituem-se numa resposta às perguntas fundamentais do ser humano: 1. O que é o sofrimento? É a própria vida – nascimento, trabalho, separação, velhice, doença e morte. Tudo isso é sofrimento; 2. De onde vem o sofrimento? Da ânsia de viver, do apego às coisas, da ambição, do ódio e da cegueira, mas isso leva a uma reencarnação após a outra; 3. Como o sofrimento pode ser superado? Desfazendo-se do desejo. Só assim se pode evitar um novo carma, que é resultado das boas e más ações; somente dessa maneira se consegue impedir uma volta ao ciclo dos nascimentos. 4. Qual é o caminho para se chegar a isso? A via média da razão – sem ser escravo do prazer e nem da autopunição.

Analisando a condição humana como um caso médico, as quatro nobres verdades espelham os passos para se diagnosticar uma doença (sofrimento), compreender sua causa (desejo), identificar a cura da doença (cessação do desejo) e prescrever o remédio que garanta a cura (o caminho dos oito elementos). Trata-se de uma prática mental e física necessária para se alcançar a libertação desse mundo.

Tanto Jesus como Gautama em sua pregação, não utilizavam uma língua sacra, mas sim uma língua vulgar. Jesus usava o aramaico do povo, e Buda, o dialeto indiano. Ambos não codificaram e nem mesmo chegaram a lançar por escrito sua doutrina. Seus ensinamentos foram escritos da memória de seus discípulos após suas mortes. Expõem seus valores utilizando provérbios, narrativas breves e parábolas simples, que todos entendem, tiradas da vida cotidiana, que são acessíveis a todos, sem

se prenderem a fórmulas ou dogmas. Ambos se opõem à tradição religiosa e seus guardiões, à casta ritualista dos sacerdotes e doutores da lei, que são insensíveis com os sofrimentos do povo. Ambos reúnem amigos em torno de si, como um círculo de discípulos e um grupo maior de seguidores.

Para além dessas semelhanças em suas condutas, temos também semelhanças em sua pregação. Eis algumas que tanto Jesus quanto Buda comungam: 1. Apresentavam-se como mestres. A autoridade não vinha de sua formação escolar, acadêmica, mas sim da experiência extraordinária de uma realidade completamente diferente; 2. Apresentavam uma mensagem de alegria (o darma – o evangelho), que exige das pessoas uma mudança de atitude (metanoia – “andar contra a corrente”) e confiança (shradha – fé). Não se trata de uma ortodoxia, mas sim de uma ortopraxis; 3. Partiam da condição provisória e efêmera do mundo, do caráter transitório de todas as coisas e da não redenção do homem. Tudo isso se evidencia na cegueira e na loucura, na situação caótica, no envolvimento com o mundo e na falta de amor para com os semelhantes; 4. Não pretendiam dar uma explicação do mundo ou pôr em prática especulações filosóficas profundas ou uma casuística legal erudita; 5. Apontavam um caminho de libertação do egoísmo, da dependência do mundo, da cegueira. Isso se consegue não por uma especulação teórica, nem pelo raciocínio filosófico, mas sim por uma experiência religiosa e por uma transformação interior; 6. Para se chegar à salvação, ambos não exigiam condições especiais de caráter intelectual, moral ou ideológico. Basta que o ser humano ouça, entenda e daí tire suas conclusões. Ninguém é interrogado sobre sua fé, nem se exige nenhuma declaração de ortodoxia; 7. O caminho é o do meio-termo entre o hedonismo e o ascetismo. Um caminho que permite que o ser humano se volte para o próximo com uma nova atitude de acolhimento! Para além dos mandamentos que se correspondem amplamente em ambos, temos as exigências básicas de bondade e de alegria compartilhada, de compaixão amorosa (Buda) e de amor compassivo e samaritano (Jesus).

Desde seu início, o Budismo, que rejeita um deus criador Todo-Poderoso, se uniu em parte à religião popular e aos seus deuses, como à religião mago-xamanista bom, oriunda do Tibete, e ao tantrismo indiano. Nesse

contexto, acredita-se que os poderosos deuses da natureza, das montanhas, da tempestade e do granizo sempre precisam ser aplacados com invocações e dádivas. Os Templos budistas muitas vezes são defendidos por dragões e serpentes, que no Oriente são venerados como seres sobrenaturais e benfazejos!¹³

Segundo Hans Küng, a contribuição original do budismo para uma ética mundial seria a de que a pessoa sempre é desafiada a crescer e se autossuperar. Cada um tem que percorrer por si próprio o seu caminho. O que importa de maneira decisiva é esquecer o eu, exercitar-se na abnegação, renúncia e suscitar benevolência, em vez de rejeição e exclusão; compaixão, em vez de indiferença e insensibilidade; abertura e acolhida, em vez de inveja e ciúme; equilíbrio e segurança, em lugar de sede de poder, sucesso e prestígio!¹³

Japão, China e Índia encontram-se num profundo processo de transição para uma nova realidade socioeconômica no contexto mundial. Nessa transição, é necessário que não sejam abandonadas as grandes conquistas da era moderna, mas superadas as limitações e suas desumanidades. Tal transição, que garanta um futuro para a humanidade nessa parte oriental do globo, tem de, obrigatoriamente, levar consigo como exigência: não apenas ciência, mas também sabedoria, para evitar os abusos da pesquisa científica que transformam o ser humano em cobaia; não apenas tecnologia, mas também energia espiritual, para controlar os riscos imprevisíveis de uma tecnologia de alta eficiência; não apenas indústria, mas também respeito pela natureza e ecologia; não apenas democracia, mas também uma ética que seja capaz de enfrentar os interesses das pessoas e grupos que estão no poder. Num mundo sempre mais globalizado, temos como desafio fundamental pela frente de elaborar uma ética de cunho global e mundial!¹³

O que podemos aprender com os valores da cultura chinesa? (V)

A China possui a cultura viva mais antiga da face da Terra, com seus cinco mil anos de história. As culturas e religiões da Mesopotâmia, dos sumérios, dos babilônicos e dos assírios, dos egípcios, dos gregos e dos romanos, todas elas sumiram. Em museus encontramos vestígios de sua

vitalidade e valores. A cultura chinesa conserva-se até hoje, não obstante as rupturas pelas quais passou; sobreviveu.

Um dos valores da cultura oriental, em grande parte propalado pelo budismo e outras religiões de cunho panteísta tais como o Xintoísmo (principalmente Japão) é o culto e respeito pela natureza. Prega-se um progresso com o “convívio harmônico com a mãe natureza”. Os ocidentais, perante a natureza, têm sempre um projeto de intervenção, transformação e mudança. Aqui está a raiz da crise ecológica de hoje com toda a questão ambiental e aquecimento global. O frenético desenvolvimento material da China faz com que, em determinados dias, com a mistura de névoa e poluição, Pequim praticamente fique cinzenta e sem possibilidade de se ver a cor do céu. Que tragédia!

Essa aula sobre a Ásia, suas religiões, valores éticos e estilos de vida não é ministrada quando estudamos filosofia, filosofia das religiões e muito menos no curso superior de Teologia. Hoje, sem conhecer esse outro lado do mundo, torna-se difícil entender a humanidade como um todo. Muitos estudiosos de Religião se perguntam se o Cristianismo, na versão católica, após a preciosa chance histórica perdida com Mateo Ricci, teria ainda um futuro na China, levando-se em conta o sentido que hoje damos de “missão”.

A China está realizando o maior experimento de desenvolvimento econômico jamais tentado pela humanidade. Até agora, na história, todo progresso trouxe números intoleráveis de vítimas, e, perante essa regra desumana, a China não é exceção. Porém, aprendendo com seus sucessos e fracassos, talvez seja finalmente possível projetar um futuro sem vítimas.

Do grande experimento chinês em realização, poderíamos aprender, como fazer dar certo uma economia que aproxima socialismo de Estado e capitalismo de mercado. Dos erros da China, poderíamos aprender como é possível estabelecer a liberdade econômica sem recorrer à opressão política; como é possível sair da miséria sem violar os direitos humanos...

Do espírito confuciano da China, podemos aprender lealdade e empatia, benevolência e sabedoria, modéstia e sinceridade, lealdade e gentileza, paz interior e integridade moral, capacidade de indignação diante da injustiça; podemos aprender a priorizar a coletividade e

família antes dos interesses individuais egoístas, respeito à integridade da natureza, renúncia a um em estar ilusório e infinito. Em suma, busca da felicidade aqui e agora, na vida cotidiana. Do espírito taoísta da China, podemos aprender a espontaneidade, o controle dos desejos, a meditação, as técnicas respiratórias, a honestidade no reconhecimento de nossos erros, a busca pelo essencial e a libertação do supérfluo, a autodisciplina, o profissionalismo e o inabalável respeito à natureza¹².

Algumas características de uma bioética asiática confuciana (VI)

Partilhamos algumas ressonâncias de valores de vida asiáticos, a partir de algumas anotações fragmentárias de viagem recente à China (Pequim e Xangai) e Taiwan, bem como em participações de eventos mundiais de bioética na Ásia. Estamos diante de um mundo profundamente diferente e surpreendente de nossa cultura ocidental. Confúcio foi um grande mestre e sábio chinês que viveu em um tempo de imensos conflitos e desordens sociais. O conceito de *Jen* é o mais fundamental para a filosofia chinesa. Todas as outras discussões sobre princípios e forças materiais servem ao objetivo de ajudar o ser humano a descobrir *Jen*, que fundamentalmente significa solidariedade e compaixão. Vejamos a seguir de forma sintética alguns referências fundamentais da Bioética nessa perspectiva de Confúcio.

Compaixão. É baseada na benevolência (*Jen*). Um ser humano sem comiseração não é um ser humano. O sentimento de comiseração é o início da humanidade. A medicina chinesa consiste em humanidade e habilidade. Médicos confucianos procuram sempre colocar a compaixão (empatia) em primeiro lugar.

Honradez. Trata-se do modo oriental de expressar justiça. Ela significa “a coisa certa a fazer” tanto quanto “fazer as coisas certas”. A honradez, no entendimento chinês, também se refere à disposição da pessoa de sacrificar-se em prol de uma causa nobre, tal como patriotismo ou devoção filial. No cristianismo, esse ideograma chinês, a honradez, é utilizada para descrever como o cordeiro de Deus morre pela humanidade. Um médico bom e justo fará o máximo para cuidar do paciente, sem considerar o ganho e o proveito!

Respeito. Trata-se da conduta ou comportamento certo nas interações sociais. É o cumprimento do papel dado a cada pessoa em cada condição de vida, por exemplo, respeito como o encontrado no espírito da devoção filial. Segundo a tradição confuciana, as crianças devem respeitar os pais e os mais velhos e estender esse respeito ao âmbito maior da família, em que o amor fraterno é enfatizado junto com o respeito mútuo necessário às relações sociais. Os médicos não são apenas profissionais da cura, mas também conselheiros em muitas instâncias. O respeito é a base para um relacionamento interpessoal apropriado e é esperado como uma norma social de vida.

Responsabilidade. A veracidade se refere à responsabilidade de uma pessoa. A pessoa deve agir de acordo com suas promessas e condições de vida. Saber e fazer devem concordar entre si. Assim, uma pessoa deve ser responsável pelo que faz. Um médico responsável cura de acordo com sua habilidade e sua consciência, e essa responsabilidade se baseia em confiança mútua entre o médico e o doente. Cada pessoa deve agir de acordo com aquilo que é esperado dela em sua profissão e condição de vida. Nossa responsabilidade inviolável é cuidar bem de nosso corpo. Falhar nessa tarefa é irresponsabilidade.

Ahimsa – não fazer o mal. Na verdade, é um ensinamento típico hindu e budista. Em Sânscrito, Ahimsa é traduzido como não violência e reverência pela vida. Na prática, significa abster-se de comida animal, renunciar à guerra, rejeitar todos os pensamentos de tirar a vida e considerar todos os seres vivos como semelhantes, mostrando, assim, respeito pela vida. No ensinamento de Confúcio, o entendimento é de devoção filial. Um filho obediente preservaria cuidadosamente o que foi dado por seus pais, e, como maior exemplo, corpo humano. A pessoa tem de cuidar do próprio corpo e não machucar o corpo dos outros^{11,14,15}.

Sempre podemos aprender algo de novo a partir de diferentes culturas, religiões e filosofias de vida, como vemos a partir desses princípios de vida da cultura asiática.

Fundamentos de uma possível bioética asiática (VII)

Na visão de Hyakudai Sakamoto, ilustre filósofo japonês e um dos respeitados estudiosos de bioética asiática, afirma que “a bioética asiática deve construir seus próprios fundamentos culturais, etnológicos e filosóficos”^{16,17}.

Esse estudioso apresenta três aspectos fundamentais desta “nova bioética asiática”.

A primeira seria apoiar-se na nova filosofia relacional entre natureza e seres humanos. O antropocentrismo kantiano do século XVIII deve ser abandonado. Também, o naturalismo do *laissez-faire* é impossível, pois já temos a habilidade e a tecnologia para controlar o futuro e evolução humana. Precisamos agora estabelecer um novo humanismo, sem que seja “antropocêntrico” e também cultivar uma nova metodologia para comprometer este novo humanismo e a ciência moderna e tecnologias para controlar a evolução humana.

A segunda característica fundamental seria a de reconsiderar a natureza dos seres humanos separada dos outros seres, não humanos. A antropologia filosófica do século XVIII gerou o contexto para a ideia da universalidade dos direitos humanos. Ao invés disso, levar em conta a igualdade dos direitos dos seres não humanos. Por que somente o ser humano teria “dignidade”?, pergunta Sakamoto. Em muitas formas de pensamento na Ásia, não existe a ideia de dignidade humana distinta da dignidade animal. Em muitos países asiáticos, o senso de “direitos humanos” é muito fraco, eles não têm uma fundamentação teórica para o conceito. Eles se preocupam em superar a fome e pobreza, mas não pelos direitos humanos, mas pela ajuda mútua e novas tecnologias.

A terceira característica e que ao mesmo tempo se constitui em desafio tem a ver com a busca de uma nova fundamentação filosófica para a bioética asiática. Sakamoto diz que ela deve estar enraizada no *ethos asiático*, que é, fundamentalmente, diferente do *ethos europeu e ocidental* em muitos aspectos. Quais seriam, então, algumas características fundamentais do assim chamado *ethos asiático*? Sua característica original é o *holismo*, em contraste ao “individualismo” Ocidental. Taoísmo, Confucionismo e Budismo ainda influenciam profundamente o *ethos asiático*. Suas doutrinas e preceitos são todos de caráter holísticos e valorizam mais a natureza, sociedade, comunidade, vizinhança e a ajuda mútua, que indivíduos com direitos. Seria uma espécie de “antiegoísmo”, mas não altruísmo. Alguns poderiam temer essa espécie de holismo como uma forma de paternalismo, que foi rejeitado já no berço da bioética ocidental em favor da autonomia pessoal. Contudo, devemos registrar que,

em algumas questões bioéticas novas, tais como genética, ecologia e meio ambiente, necessariamente exigem alguma espécie de paternalismo, não aquele de cunho ocidental, mas do tipo Oriental. Aqui, a palavra-chave é “harmonia”, e a bioética asiática iniciará assim não somente negando o conceito de “autonomia individual”, mas também procurará “harmonizá-lo com o novo paternalismo holístico de nosso próprio *ethos* tradicional asiático”. Para a cultura asiática, “a natureza não é algo a ser conquistado, mas algo com a qual temos que aprender a conviver”. Essa cultura valoriza mais uma felicidade holística e o bem-estar do grupo ou nação a qual pertencem, antes de seus direitos humanos individuais¹⁸.

A bioética de cunho asiático, desde a metade do século XX, adquiriu uma gama de distintas características universais que transcendem as fronteiras nacionais, indo para além da religião e oposição política, e desenvolveu um contexto comum de casa espiritual enraizada na filosofia cotidiana¹⁹. A China agora está no estágio de discutir como desenvolver sua própria ética tradicional num contexto de globalização, mas precisamos reconhecer que, com o fortalecimento da cooperação internacional, o desenvolvimento contínuo de diretrizes universais de ética médica, a educação em ética médica na China ainda está longe de ser a terra prometida. Existem muitas coisas que os estudiosos em Ética Médica necessitam realizar para desenhar a direção futura da bioética e promover sua difusão entre os profissionais da ciência biomédica e sociedade.

Quando falamos hoje da necessidade de se elaborar uma bioética global, isso seria impossível somente a partir no modelo euro-americano de bioética. Torna-se necessário dialogar e articular-se com os valores dessa bioética de cunho asiático. Esperamos que esse olhar introdutório a respeito de alguns aspectos da vida, cultura e valores chineses, a partir de um olhar ocidental, que quis despir-se de preconceitos e não impor valores ocidentais, mas tão somente contrapor para entender melhor as questões, sirva como instigação e provocação para um aprofundamento e entendimento maior da cultura e seus valores da população dessa parte do planeta, que praticamente é desconhecida pelos ocidentais. Como desconhecer os valores éticos de vida, ou melhor uma ética da vida, ou bioética que corresponde a 60% da população mundial hoje?

REFERÊNCIAS

1. Almanaque Abril. China – Países. São Paulo: Editora Abril; 2013. p. 427-31.
2. Almanaque Abril. Taiwan (Formosa) – Países. São Paulo: Editora Abril; 2013. p. 605-6.
3. Ninio M. Maioria de estudantes chineses vive alheia ao massacre de 1989: repressão a protestos na Praça da Paz Celestial, que completa 25 anos, ainda é tema tabu. *Folha de São Paulo*. 1 Jun 2014;Seção A22.
4. Ninio M. Memórias de Tiananmen. *Folha de São Paulo*. 2 Jun 2014;Seção A12.
5. Beech HJ. China's one child crisis: why the world's most populous nation needs more people. *Time*. 2013 Dec 3; p. 14-9.
6. Jing-Bao N. Behind the silence: Chinese voices on abortion. New York: Rowman and Littlefield; 2005.
7. Mclean S. The complexity of women's reproductive lives in China. *The Lancet*. 2006;368:357-8.
8. Yu E. Confucianism. In: Ten Have HAMJ, Gordijn B, editors. *Handbook of Global Bioethics*. Dordrecht: Springer Science Business Media; 2014. p. 375-89. v. 1.
9. Li HW. Taoism. In: Ten Have HAMJ, Gordijn B, editors. *Handbook of Global Bioethics*. Dordrecht: Springer Science Business Media; 2014. p. 429-44. v. 1.
10. Hongladarom S. Buddhism. In: Ten Have HAMJ, Gordijn B, editors. *Handbook of Global Bioethics*. Dordrecht: Springer Science Business Media; 2014. p. 341-56. v. 1.
11. Fan R. Rights or virtues? Towards a reconstructionist Confucian Bioethics. In: Qiu R, editor. *Bioethics: Asian Perspectives: A quest for Moral Diversity*. Dordrecht (NL): Kluwer Academic Publishers; 2004. p. 57-68.
12. Masi D. O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; 2014. p. 57-74.
13. Küng H. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas (SP): Papirus; 2004. p. 96-148.
14. Tai MC. Consultoria ética: uma abordagem baseada na perspectiva asiática (Cheng, Li, Fa). In: Pessini L, Barchifontaine CP, organizadores. *Bioética Clínica e Pluralismo – com ensaios originais de Fritz Jahr*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Edições Loyola; 2013. p. 159-73.
15. Zhou C. Unity but not uniformity: globality and locality of bioethics. Address at the 8th World Congress of Bioethics of the IAB (International Association of Bioethics). Beijing, August 2006.
16. Sakamoto H. Globalisation of Bioethics - from the Asian perspective. Eubios Ethics Institute Publication. 2004;488-94.
17. Sakamoto H. The Foundations of a Possible Asian Bioethics. In: Qiu R, editor. *Bioethics: Asian Perspectives: A quest for Moral Diversity*. Dordrecht (NL): Kluwer Academic Publishers; 2004. p. 45-8.
18. Po-Wah JTL. Confucian and Western Notions of Human Need and Agency: Health Care and Biomedical Ethics in Twenty-First Century. In: Qiu R, editor. *Bioethics: Asian Perspectives: A quest for Moral Diversity*. Dordrecht (NL): Kluwer Academic Publishers; 2004. p. 13-28.
19. Qiu R, editor. *Bioethics: Asian Perspectives: a Quest for Moral Diversity*. Dordrecht (NL): Kluwer Academic Publishers; 2004. v. 80. (Philosophy and Medicine)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Engelhardt Jr HT, organizador. *Bioética Global: o colapso do consenso*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Paulinas; 2012. p. 211-1.
- International Association of Bioethics (IAB). 4th World Congress of Bioethics. *Global Bioethics. Book of Abstracts*. 4-7 November 1988 at Nihon University Hall.
- International Association of Bioethics (IAB). 7th World Congress of Bioethics. Theme: Deep Listening; Bridging Divides in Local and Global Ethics. *Book of Abstracts*. 9-12 November 2004. The University of New South Wales, Sidney, Australia.
- International Association of Bioethics (IAB). 8th World Congress of Bioethics. Theme: In quest for a just and Health Society. *Book of Abstracts*. 4-9 August, 2006. Pequim, China.
- International Association of Bioethics (IAB). 10th World Congress of Bioethics. Theme: Bioethics in a Globalized World. *Book of Abstracts*. 28-31 July, Singapore.

Recebido em: 02 de junho de 2014
Aprovado em: 17 de junho de 2014